



O TRABALHO DOCENTE E A CONDIÇÃO DE PROLETARIZAÇÃO DE PROFESSORES DE BIOLOGIA E CIÊNCIAS EM UMA CIDADE DO SUL DE MINAS GERAIS: necessidades e perspectivas

Priscila Olindo Alves¹

Marcela de Moraes Agudo²

RESUMO

O trabalho docente vem sofrendo diversas mudanças, muitas delas realizadas por grupos hegemônicos, mas muitas conquistas da categoria organizada a fim de se tornar cada vez mais valorizado. A docência no Brasil veio, primeiramente, por meio dos jesuítas que ministravam as aulas seguindo o catolicismo, sendo substituída pela reforma pombalina e subsequente pela burguesia moderna, que tornou-a laica e direito dos cidadãos, de acordo com seus interesses de classe. Contudo, essa tarefa não significou equidade, mas uma formação que atendeu às demandas do modo de produção em seu contexto social, econômico e político. Como profissão, muitas vezes a função social do trabalhador docente foi vinculada somente a uma missão ou até mesmo vocação, visto que ainda é possível identificar estes discursos. Esta pesquisa buscou compreender a concepção do trabalho docente pelos professores de Ciências e Biologia de uma cidade do Sul de Minas Gerais, considerando seus desafios e possibilidades. Assim, esta investigação se configurou uma pesquisa qualitativa do tipo de campo, em que coletamos dados por meio de entrevista semiestruturada e questionário online. A partir dos dados coletados, procuramos refletir acerca das concepções dos professores sobre a profissão docente, suas condições de trabalho e as possibilidades e desafios que percebem para lidar com a realidade da profissão docente. Neste sentido, nossos dados indicaram que a profissão docente é extremamente importante para uma sociedade democrática, mas que enfrenta diversos desvios para se concretizar enquanto profissão, desde o melhor reconhecimento social, da sociedade civil e da sociedade política, na esfera do Estado.

Palavras-chave: Proletarização. Trabalho docente. Ensino de ciências e biologia.

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Itajubá, UNIFEI; Professora de Ciências da Natureza e Biologia em escolas privadas de Jacareí/SP e região. Tem experiência na elaboração de materiais didáticos para o ensino de Ciências da Natureza e Biologia. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2494-129X>. E-mail: priscila.olindoalves@gmail.com

² Doutora em Educação para a Ciência na UNESP/Bauru; Professora Assistente Doutora no Departamento de Ciências Humanas e Ciências da Nutrição e Alimentação do IBB da Universidade Estadual Paulista, UNESP/Botucatu; membra do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental (GPEA), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência da UNESP/Bauru. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3386-8354>. E-mail: marcelamagudo@gmail.com

TEACHING LABOR AND THE CONDITION OF PROLETARIANIZATION OF BIOLOGY AND SCIENCE TEACHERS IN A CITY OF THE SOUTH OF MINAS GERAIS: needs and perspectives

ABSTRACT

The teaching labor has undergone several changes, many of them carried out by hegemonic groups, but many achievements by the organized category in order to become increasingly valued. Teaching in Brazil came through the Jesuits who taught classes following Catholicism, being replaced by the Pombaline reform and subsequently by the modern bourgeoisie, which made it secular and the right of citizens, according to their class interests. However, this task did not mean equity, but training that met the demands of the mode of production in its social, economic and political context. As a profession, the social function of the teaching worker was often linked only to a mission or even vocation, and it is still possible to identify these discourses. This research sought to understand the conception of teaching work by Science and Biology teachers in a city in the south of Minas Gerais, considering its challenges and possibilities. Thus, this investigation was configured as a qualitative field-type research, in which we collected data through semi-structured interviews and an online questionnaire. Based on the data collected, we sought to reflect on teachers' conceptions about the teaching profession, their working conditions and the possibilities and challenges they perceive in dealing with the reality of the teaching profession. In this sense, our data indicated that the teaching profession is extremely important for a democratic society, but that it faces several deviations to materialize as a profession, from better social recognition, from civil society and political society, in the sphere of the State.

Keywords: Proletarianization. Teaching labor. Teaching science and biology.

EL TRABAJO DOCENTE Y LA CONDICIÓN DE PROLETARIZACIÓN DE PROFESORES DE BIOLOGÍA Y CIENCIAS EN UNA CIUDAD DEL SUR DE MINAS GERAIS: necesidades y perspectivas

RESUMEN

El trabajo docente ha sufrido varios cambios, muchos de ellos protagonizados por grupos hegemónicos, pero muchos logros de la categoría organizada para ser cada vez más valorados. La enseñanza en Brasil vino por los jesuitas que impartían clases siguiendo el catolicismo, siendo sustituida por la reforma pombalina y posteriormente por la burguesía moderna, que la hizo laica y derecho de ciudadanos, según sus intereses de clase. Sin embargo, esta tarea no significó equidad, sino una formación que respondiera a las exigencias del modo de producción en su contexto social, económico y político. Como profesión, la función social del trabajador docente se vinculaba solo a una misión o a una vocación, ya que todavía es posible identificar estos discursos. Esta investigación buscó comprender la concepción del trabajo docente de los profesores de Ciencias y Biología en una ciudad del sur de Minas Gerais, considerando sus desafíos y posibilidades. Así, esta investigación se configuró como una investigación cualitativa de campo, en la que recolectamos datos por entrevistas semiestructuradas y cuestionarios online. A partir de los datos recogidos, buscamos reflexionar sobre las concepciones de los docentes sobre profesión

docente, sus condiciones de trabajo y posibilidades y desafíos que perciben frente a la realidad de la profesión. En este sentido, nuestros datos indicaron que la profesión docente es sumamente importante para una sociedad democrática, pero que enfrenta diversas desviaciones para materializarse como profesión, desde un mejor reconocimiento social, desde la sociedad civil y la sociedad política, en el ámbito del Estado.

Palabras clave: Proletarización. Trabajo docente. Enseñanza de la ciência y la biología.

INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa buscou compreender um pouco acerca dos aspectos enfrentados pelos professores da Educação Básica pública, com o intuito de contribuir com as pesquisas na área de formação e ação de professores de Ciências e Biologia. Segundo Oliveira (2004), o professor, diante das variadas funções que a escola pública assume, tem de responder a exigências que estão além de sua formação. É visível que essa carga é muito alta, ainda mais quando não há aporte para tantas questões, fazendo com que cada vez mais os professores sofram com a intensa carga horária, uma vez que o trabalho não acaba ao sair da escola, outro fator é o cansaço psicológico que muitas vezes se sobrepõe ao cansaço físico.

Com o processo de precarização cada vez mais intenso, visto que, os profissionais da educação são parte do proletariado, a educação pública foi se tornando também cada vez mais precarizada, fato estudado por várias investigações científicas em educação (OLIVEIRA, 2004; TARDIF, 2004; ALVES, 2009; SAVIANI, 2011; SÁ; NETO, 2016) que compreendem que a educação vai muito além do educar, a educação é fundamental para a sociedade, tendo em vista, seu desenvolvimento histórico crítico.

Diante disso, Tardif e Lessard (2005, p. 35) afirmam que:

A docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores. [...] esse tipo de objeto possui determinações específicas que condicionam a própria natureza do trabalho docente. O fato de trabalhar com seres humanos [...] trata-se [...] do âmago das relações interativas entre os trabalhadores e os 'trabalhados' que irradia sobre todas as outras funções e dimensões do métier.

De fato, o trabalho docente é composto, principalmente, por relações humanas, mas não podemos aceitar que a escolha e a atuação nessa profissão sejam feitas por vocação, sacerdócio ou até mesmo somente por amor, já que o professor também é um trabalhador e troca sua força de trabalho pelo seu salário, que garante seu sustento. Além disso, há questões mais básicas de que esta é uma profissão que se profissionaliza-se para exercê-la como também acontece com as outras. Nesse sentido, não é qualquer sujeito, com conhecimentos básicos sobre o conteúdo e sem qualquer formação de fundamentos e de ensino didático-pedagógicos, que se acha competente o suficiente para lecionar, ou seja, o chamado ensino por “notório saber” mesmo que não tenha estudado as estratégias de ensino, as diferentes metodologias e os sistemas de avaliação. Portanto, ainda precisamos reivindicar que a docência seja vista como pelo menos como profissão.

Haja vista, o processo de produção da existência humana pode ser classificado de duas formas: material e não-material. Segundo Saviani (1984), no trabalho material o homem necessita antecipar em ideias os objetivos da ação, o que significa que ele representa mentalmente os objetivos reais. Essa representação inclui o aspecto de conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), de valorização (ética) e de simbolização (arte). Já o trabalho não-material trata da produção de conhecimentos, conceitos, ideias, símbolos, valores, habilidades, atitudes e é nesta categoria que a educação está inserida, porém há duas modalidades. Para Saviani (1984), a primeira se refere as atividades em que o produto se separa do produtor, como o caso dos livros e objetos artísticos, há neste caso, um intervalo entre a produção e o consumo, possibilitado pela autonomia entre o produto e o ato de produção. Já a segunda refere-se as atividades em que o produto não se separa do ato de produção, neste caso o ato de produção e o ato de consumo se imbricam, e é nessa segunda modalidade do trabalho não-material que a educação está situada.

A docência é datada de muitos anos, ainda que não sob tal nomenclatura, visto que, o saber ensinar era de suma importância, uma vez

que na organização social se fazia, e ainda se faz, necessária. Desde então, o ser humano em sociedade começou o processo de sistematização da educação, a fim de preservar, conservar e principalmente transmitir os conhecimentos adquiridos para as gerações futuras, fazendo com que essas fossem participantes ativas na sociedade. Gadotti (2006) afirma que, assim que viram o valor do ato de ensinar, isto é, as virtudes relacionadas a prática de aprender e ensinar por meio do ensino, os homens iniciaram um processo de reflexão do conhecimento que os incentivou a sistematizar e transmitir os conhecimentos produzidos. O autor faz a seguinte ressalva

A prática da educação é muito anterior ao pensamento pedagógico. O pensamento pedagógico surge com a reflexão sobre a prática da educação, como necessidade de sistematizá-la e organizá-la em função de determinados fins e objetivos (GADOTTI, 2006, p. 21).

No Brasil, os primeiros docentes foram os jesuítas, posteriormente a responsabilidade passou a ser do Estado. Segundo Nóvoa (1995), o processo de estatização do ensino consiste, sobretudo, na substituição de um corpo de professores religiosos (ou o controle da Igreja) por um corpo de professores laicos (ou sob o controle do Estado), sem que, no entanto, tenha havido mudanças significativas nas motivações, nas normas e nos valores originais da profissão docente: o modelo do professor continua muito próximo do padre. Podemos, assim, refletir que os professores ainda são vistos social e economicamente como “missionários”, não como profissionais trabalhadores assalariados que são, mas enquanto sujeitos que realizem o trabalho de ensinar por amor. É importante problematizarmos que isso é intencional, faz parte de um projeto de país e da educação de um país: está profundamente articulado à desvalorização do trabalhador docente, desde a desvalorização salarial até suas condições mais básicas de trabalho.

Segundo Sá e Neto (2016), os jesuítas trazidos pelos portugueses tinham como objetivo converter a população indígena ao cristianismo e a fé católica. Com isso, os ensinamentos básicos foram lecionados e o processo de alfabetização, o aprender a ler e contar foram necessários para tal conversão, permanecendo assim por mais de 200 anos. Porém, na segunda metade do século XVII, uma intervenção militar comandada pelo Marquês de Pombal

expulsou os jesuítas do Brasil, e deu origem a reforma pombalina. Essa reforma teve como um dos objetivos a reformulação educacional, quando foi instaurada a educação enciclopédica e laica e o ensino passou a ser responsabilidade do Estado. Com tais reformas, houve uma queda drástica no nível do ensino permanecendo assim por dez anos, uma vez que, as aulas eram ministradas por professores sem formação e mal preparados para o ensino.

Para Nóvoa (1995), embora tenha havido pequenos avanços em relação à profissionalização docente, estavam muito distantes de reais discussões sobre a necessidade da formação e profissionalização dos professores. Foi somente no final do século XIX e, início do século XX que o papel da escola foi destacado, isso se deu, sobretudo, pela necessidade da formação operária para as fábricas. E a partir daí a educação passou a ter maior importância, visto que, além de ter sido, uma reivindicação de toda a população, também atendia aos interesses das políticas desse período.

Porém, apesar de mais discutida, a educação pública teve diversos obstáculos até se tornar a que conhecemos hoje. É fato que a burguesia revolucionária teve papel fundamental na consolidação da escola pública, visto que, o ensino era uma regalia dos que tinham maior aporte financeiro. É neste momento que Souza, Ferreira e Barros (2009) analisam que, ao se fixar no poder, a burguesia "idealmente" exigiu que a educação fosse voltada para toda a população, deixando de ser regalia de somente uma classe. Assim, a educação moderna deixou de ser "privilégio" para se tornar um "direito" de todos.

Quando a burguesia revolucionária se firmou definitivamente no poder, sendo a classe dominante e dirigente da sociedade, a educação passou a ser instituída como dever, afinal o homem dessa sociedade necessita ser educado para se adaptar ao novo modo de produção capitalista e a nova ordem burguesa (SOUZA; FERREIRA; BARROS, 2009).

Com isso, na última década, houve diversas reformas educacionais no Brasil e nos demais países da América Latina que trouxeram mudanças significativas para os trabalhadores docentes. Segundo Oliveira (2004), são

reformas que atuam não só no nível da escola, mas em todo o sistema, repercutindo em mudanças profundas na natureza do trabalho escolar.

Novas pesquisas são feitas e trazidas para o debate a fim de compreender melhor os processos de flexibilização e precarização da docência, apontando temas como a desvalorização. Esses estudos indicam que as reformas educacionais mais recentes têm repercutido sobre a organização escolar, provocando uma reestruturação do trabalho pedagógico (OLIVEIRA, 2004), ocasionando assim sua proletarização.

Para Rodrigues (2002, p. 73):

[...] o aumento do assalariamento e a entrada dos profissionais em organizações teriam como principal consequência a proletarização técnica – perda do controle sobre o processo e produto do seu trabalho – e/ou a proletarização ideológica – que significa a expropriação de valores a partir da perda de controle sobre o produto do trabalho e da relação com a comunidade.

Com isso, muito se tem discutido sobre a centralidade dos professores, nos programas governamentais, como agentes encarregados pela transformação nos contextos de reformas, os quais, segundo Oliveira (2004), são considerados, em geral, como os principais responsáveis pelo desempenho dos alunos, da escola e do sistema, desempenhando assim diferentes papéis para além de sua formação, como assistente social, enfermeiro, psicólogo, perdendo assim seu principal papel dentro da escola, que é o de ensinar.

Oliveira (2004) aponta ainda que a proletarização da docência se dá por inúmeros fatores, como a perda a autonomia no seu trabalho, a desqualificação e a padronização na organização do ensino, que contribuem para o insucesso profissional, uma vez que, a classe trabalhadora não tem seu devido valor sendo associada até hoje com conceitos arcaicos.

Na condição de assalariados, os professores são submetidos a um processo de desvalorização profissional, à medida em que a profissão vem sendo desvalorizada pelos baixos salários e pela perda de prestígio e status (ALVES, 2009). Para Oliveira (2004) os docentes são, em geral, considerados principais responsáveis pelo desempenho dos alunos, da escola e do sistema e, diante desse quadro, veem-se, muitas vezes, constrangidos a tomarem para

si a responsabilidade pelo êxito ou insucesso dos programas. Isso pode ser identificado em muitas escolas públicas estaduais, pois, apesar de todos os esforços dos professores e da direção, a educação conta com muitas adversidades, uma vez que o próprio Estado não vê a educação pública como prioridade.

As condições de proletarização em que os professores se encontram, dificultam muito as mudanças desejadas, uma vez que, sua autonomia em sala de aula é muito restrita e os docentes são sempre condicionados apenas passarem o conteúdo via competências e habilidades que é exigido pelas instâncias superiores para uma determinada formação dos discentes. É importante discutirmos que nem sempre os conteúdos que se exige dos professores para o ensino é um conteúdo crítico e problematizador da realidade, tendo em vista, uma prática social transformadora, mas, diversas vezes, exige-se do professor uma atuação no sentido de adequação dos alunos da Educação Básica à realidade social vigente e sua reprodução.

Nas palavras de Labaree (1999, p. 20):

Há uma série de razões para crer que o caminho para a profissionalização dos docentes encontra-se cheio de crateras e areias movediças: os problemas próprios que surgem ao tentar promover os critérios profissionais dentro de uma profissão tão massificada, a possibilidade de desvalorização das habilidades como consequência do aumento dos requisitos educativos, a herança niveladora dos sindicatos dos professores, a posição histórica da docência como forma de trabalho própria de mulheres, a resistência que oferecem os pais, os cidadãos e os políticos à reivindicação do controle profissional das escolas, o fato de a docência ter demorado a se incorporar a um campo infestado de trabalhos profissionalizados, a prévia profissionalização dos administradores das escolas e o excessivo poder da burocracia administrativa, a prolongada tradição de realizar reformas educacionais por meios burocráticos [...] e a diversidade de entornos em que se dá a formação dos professores.

O professor não é apenas o transmissor de conhecimentos, suas funções vão muito além de entrar na sala de aula e passar o que já é previamente estipulado pelo Estado. No entanto, é importante destacar que nem isso, nas condições de trabalho atuais, os docentes conseguem realizar na escola. Assim, para o enfrentamento dessa condição, se faz necessário uma boa formação docente, capaz de transformar possibilidades, de criar espaços de participação, reflexão e formação (SÁ; NETO, 2016).

Com o processo de proletarização, bastante articulado ao mundo do trabalho atual, vieram consequências bastante prejudiciais aos docentes de forma geral. Nesse sentido, Venco (2020) analisa que a contratação de professores da rede pública está bastante relacionada ao que ela denomina de uberização, em que muitos docentes são contratados por períodos temporários, indicando que a grande maioria não são concursados, e muitas vezes não tem sequer ensino superior concluído ou mesmo a formação em licenciatura, sendo muito comum ministrarem aulas de conteúdos diferentes à sua formação e, ainda, tem o fator mais importante, a baixa remuneração, sendo fadados a, muitas vezes, se desdobrarem de escola em escola para minimamente obter seu sustento, ocorrendo assim o grande estresse e cansaço emocional.

Segundo Ferreira (2018), o estresse característico do ambiente do trabalho é chamado de “estresse ocupacional” que, quando presente de forma mais prolongada, tem sido designado como Síndrome de Burnout. A síndrome está prevista no Art. 20 da Lei nº 8. 213/91, que trata como “Agentes patogênicos causadores de doenças profissionais” e se caracteriza pelo ritmo penoso de trabalho e a outras dificuldades físicas e mentais relacionadas com o trabalho.

Nas palavras de Benevides-Pereira *et al* (2012, p. 45):

Burnout é a resposta a um estado prolongado de estresse, ocorre pela cronificação deste, quando os métodos de enfrentamento falharam ou foram insuficientes. Enquanto o estresse pode apresentar aspectos positivos ou negativos, o Burnout tem sempre um caráter negativo (distresse). Por outro lado, o Burnout está relacionado com o mundo do trabalho, com o tipo de atividades laborais do indivíduo.

Na docência, infelizmente, é muito comum que professores tenham essa síndrome, uma vez que, é uma ocorrência complexa e multidimensional resultante da interação entre fatores individuais e o ambiente profissional. Segundo Carlotto (2002), este ambiente não diz respeito somente à sala de aula ou ao contexto institucional, mas sim a todos os fatores envolvidos nesta relação, incluindo os fatores macrossociais, como políticas educacionais e fatores sociohistóricos.

Como notado nas escolas, essa síndrome é sentida por diversos profissionais, dada que o índice de afastamento é alto e contínuo. Mas para Carlotto (2002), isso pode ser remediado, pois, os professores, como todas as pessoas, precisam sentir-se importantes e valorizados e não serem vistos somente como subalternos da economia global, que realizam trabalhos repetitivos, sem a liberdade de passarem o conteúdo da forma que julgam corretas, tendo seu trabalho sistematizado e previamente elaborado pelo Estado. No cotidiano das escolas públicas isso é muito discutido: o ensino apostilado tira a autonomia de muitos professores que buscam realizar experimentos diversificados com os alunos, mas ficam presos ao que é estipulado para passarem, o que contribui para a desmotivação do trabalhador docente, já que não possuem a autonomia de praticar formas de estudos e trabalhos novas e/ou diferentes do que é imposto de maneira autoritária hierarquicamente.

Portanto, esta investigação busca analisar e compreender as concepções que os professores de Ciências e Biologia das escolas estaduais de uma cidade do Sul de Minas Gerais tem sobre o trabalho docente, buscando refletir sobre suas condições de trabalho e as possibilidades, bem como os desafios para enfrentarem a realidade em que a educação pública se encontra.

Nossa hipótese nesta pesquisa se dá no sentido de que a classe docente não é e nunca foi valorizada como deveria e se mostra cada vez mais precarizada, considerando inclusive que vem sofrendo grandes mudanças a fim de se consolidar como profissão e não somente como vocação ou sacerdócio, todos esses fatores que contribuem para o aprofundamento da proletarização docente.

METODOLOGIA

O termo pesquisa é muito utilizado nos dias atuais, porém é de extrema importância entender, de fato, o que este conceito significa no contexto do fazer ciência para que assim possam ser realizados estudos de qualidade, os

quais auxiliem a produção no campo científico da educação, visando estimular a compreensão, cada vez mais aprofundada, da realidade.

Para Tozoni-Reis (2007), a pesquisa em educação, assim como a pesquisa em outras áreas da ciência humana e sociais, é essencialmente qualitativa sendo muito discutido até hoje, haja vista que diversos pesquisadores das ciências exatas e naturais tendem a desconsiderar a abordagem qualitativa como própria de um trabalho científico. Entretanto, os estudos estão cada vez mais desenvolvidos na ideia de que é de suma importância considerar que os fenômenos humanos e sociais nem sempre podem ser quantificáveis.

Segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto humano, é compreendido como parte da realidade social, já que, o ser humano se diferencia não somente pelo modo de agir, mas também por pensar sobre o que é feito e interpretar suas ações a partir de sua realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes.

Nesse sentido, compreendendo que a pesquisa em educação é essencialmente qualitativa, a presente investigação se configura como uma pesquisa de campo. Para Tozoni-Reis (2007), a pesquisa de campo em educação, caracteriza-se pela ida do pesquisador ao campo, aos espaços educativos para coleta de dados, com o objetivo de compreender os fenômenos que nele ocorrem. É esperado que a análise dos dados contribua para a construção do saber educacional, sobretudo, permita um avanço na forma como são conduzidos processos educativos.

Sendo assim, a presente pesquisa busca compreender a concepção de trabalho docente sob a óptica de professores de Ciências e Biologia de uma cidade situada ao Sul de Minas Gerais, considerando seus desafios e suas possibilidades, com base nos dados obtidos em campo.

Diante da conjuntura do país, acometida pela COVID 19, infelizmente, a elaboração da pesquisa com os docentes contou com diversos obstáculos, sendo o principal a suspensão das atividades presenciais das escolas a fim de conter a disseminação do vírus. Segundo Lamosa (2020), no período da

pandemia, a proposta da Educação a Distância, já ensaiada há muito tempo de ser implementada não apenas no Ensino Superior como também no Ensino Médio público, se concretizou, travestida de “ensino remoto emergencial”, “educação online”, “estudos continuados”, “ensino híbrido”, entre outros. Lamosa (2020) indica ainda que o ensino a distância foi imposto ao setor da educação pública brasileira enquanto única opção no lugar do ensino presencial.

Desse modo, as entrevistas não puderam ser todas de forma presencial, sendo necessário a adaptação para um questionário online em que alguns dos professores participantes da pesquisa responderam as mesmas perguntas do roteiro da entrevista semiestruturada.

Dessa maneira, foram realizadas o total de cinco entrevistas com professores de Ciências e Biologia da rede de ensino pública de uma cidade no Sul de Minas Gerais, sendo elas duas presenciais e três de forma remota. Os docentes foram denominados como P1, P2, P3, P4 e P5. Os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, tendo a opção de não responderem as questões que não acharem pertinente.

No primeiro momento da pesquisa, foi utilizado a técnica de entrevista semiestruturada que segundo Tozoni-Reis (2007), é a técnica de coleta de dados em que o pesquisador usa um roteiro como referência para a entrevista que transcorre de forma mais livre, tal como uma conversa entre o entrevistador e o entrevistado sobre os temas de interesse da pesquisa.

Para tal, foram feitas presencialmente duas entrevistas-piloto, realizadas nas escolas, durante o intervalo de uma aula para outra, momento em que os professores participantes da pesquisa se disponibilizaram para as entrevistas. Foram utilizados gravador de voz e o roteiro da entrevista semiestruturada para que fosse possível recordar os principais pontos colocados no diálogo com os entrevistados.

Porém, devido ao contexto da pandemia da COVID-19, em que as atividades remotas e o distanciamento social se impuseram o restante das entrevistas precisou ser realizado de forma estruturada que, para Tozoni-Reis (2007), é a técnica de coleta de dados em que o pesquisador segue

rigorosamente um roteiro preestabelecido para suas entrevistas. Esta escolha metodológica se deu, pois houve grande dificuldade em manter contato com os professores participantes da pesquisa a distância, sendo necessário utilizar um questionário enviado aos docentes participantes via e-mail.

Apesar da entrevista semiestruturada ser a técnica que possibilitaria a coleta de dados de modo que a pesquisadora entrevistadora poderia inserir novos questionamentos aos entrevistados, o questionário também possibilitou coletar dados acerca e em torno da temática das condições de trabalho docente sobre a qual está investigação se debruça.

Após a realização das entrevistas, que foram transcritas, foi realizada sua organização e estabeleceu-se vínculos com os dados também coletados por meio dos questionários aplicados. Nesse sentido, foi possível sistematizar os dados, buscando organizá-los em categorias, para que pudesse realizar a análise deles. É importante salientar que o processo de análise é imprescindível, pois, é um conjunto de procedimentos que visa valorizar, compreender, interpretar os dados e articular com a teoria que foi fundamentada.

Assim, a partir dessa organização dos dados, foi possível categorizá-los em três categorias: “A concepção da profissão docente”; “Os desafios do trabalho docente”; e “Perspectivas do trabalho docente”. Portanto, a partir dessa categorização, buscou-se apresentar e analisar os dados coletados, que serão apresentados enquanto resultados e discussões no próximo subtítulo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já indicamos na metodologia, os dados coletados foram organizados em três categorias, sendo elas, “A concepção da profissão docente”, que buscou analisar como eles caracteriza a profissão docente, bem como, quais são relações que eles estabelecem entre as condições de trabalho docente e a saúde do professor. “Os desafios do trabalho docente”, que procuramos entender quais são os principais desafios que eles enfrentam

na docência, os aspectos da realidade e da organização escolas eles entendem que influenciam diretamente no trabalho docente e as possibilidades de enfrentamento para esta realidade organizacional escolar. E por fim as “Perspectivas do trabalho docente”, o qual analisamos quais suas perspectivas quanto a profissão docente e quais as relações entre o trabalho docente, a realidade escolar e a saúde do professor.

A concepção da profissão docente

Quando questionados sobre como eles caracterizam a profissão docente, em geral, os docentes tinham opiniões bastante parecidas, visto que, enfrentam a mesma realidade no local em que trabalham. Para P1:

“Nossa profissão de suma importância para a sociedade. Desvalorizada em diversos sentidos e para a qual muitos não estão preparados ou motivados (visto que, muitos caem de paraquedas em cursos de licenciatura)”.

P3 acredita que a profissão docente é:

“Uma profissão essencial para a formação de uma sociedade democrática, porém sucateada em nosso país.”.

Já P2 acredita que a docência é:

“É a profissão que forma cidadãos para uma sociedade melhor.”

O que vai ao encontro do que Nóvoa (1992) discute, que a profissão docente é mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, a formação de professores é o momento chave da socialização e da configuração profissional, já que esta é a base de para uma sociedade instruída e em desenvolvimento constante.

Para a segunda pergunta, em que foram questionados sobre as relações que eles estabelecem entre as condições de trabalho docente e a saúde do professor. P4 diz que essa relação não é benéfica, visto que, ele compreende como

“Ruim. Professores ganham pela quantidade de aulas ministradas e nem sempre fechamos todo o quadro em uma única escola, o que significa trabalhar em duas ou 3 escolas diferentes, muitas vezes. Em linhas gerais ficamos sobrecarregados com as matérias para lecionar e atividades + provas para corrigir, fora o desgaste emocional após uma aula em que os alunos não interagiram e o desgaste vocal após 5, 6 aulas dadas em um mesmo dia.”

Já na concepção de P5:

“Os salários injustos e a desvalorização social afeta diretamente na saúde psicológica dos professores. Acredito que professores de escolas públicas são ainda mais afetados devido a marginalização e violência”

Considerando esses aspectos, P1 relata que ocorre:

“Interferência de 100%. Uma escola mal administrada adocece os professores (que querem trabalhar) porque quem vai na escola para assinar o ponto, conversar com os alunos e marcar atividades do livro nem sente uma má administração, mas quem gosta do que faz e quer fazer bem feito, sofre.”

Carlotto (2002) considera que, diante disso, essa relação, entre as condições de trabalho e a saúde do docente está intrinsecamente ligada, uma vez que, o professor, neste processo, se depara com a necessidade de desempenhar vários papéis, muitas vezes contraditórios, que lhe exigem manter o equilíbrio em várias situações. Mas, muitas vezes, esse equilíbrio deixa de existir e acarreta, conseqüentemente, num estado de adoecimento profissional.

Podemos refletir um pouco nesse momento sobre como esses “vários papéis” que são atribuídos ao professor e podem agravar sua suscetibilidade ao adoecimento por conta de seu trabalho. Tendo em vista que, com essas múltiplas tarefas na escola que, geralmente, não configuram como seu papel profissional central, o profissional professor se torna impedido de desempenhar seu papel central de ensinar o conhecimento científico, principalmente considerando a especificidade dos professores de Ciências e Biologia. Um profissional que tem sua função central desviada para outros afazeres, inclusive burocráticos, e que deveriam ser designados a outros profissionais, acaba tendo uma perda de sentido profunda em sua atuação profissional, no fazer docente, ou seja, no trabalho docente. O professor deixa de reconhecer e se reconhecer em sua profissão. Esta perda de sentido, este processo de alienação no trabalho docente é adoecedor e aproxima o trabalhador docente dos outros profissionais trabalhadores, do restante do proletariado, configurando assim, o processo de proletarização docente.

Como podemos observar nesta primeira categoria, a profissão docente é imprescindível para a formação de toda uma sociedade, sendo importante que haja reformas estruturais necessárias e significativas para que ela seja reconhecida perante a sociedade como profissão com melhores condições de trabalho.

Os desafios do trabalho docente

Nesta categoria, trazemos os dados coletados e organizados a partir de várias perguntas realizada aos docentes. Uma delas foi bastante direta e relacionada a categoria, em que buscamos saber os principais desafios que eles enfrentavam na docência

P2 respondeu que o principal desafio é:

“O próprio processo de gestão de ensino e a falta de apoio das famílias no papel de educar as crianças e adolescentes.”

P3 acredita o maior desafio é:

“[...] lidar com a imaturidade dos alunos em diversos aspectos do processo de ensino. Não digo por conta das brincadeiras (que no meio em que trabalho são bem poucas), mas sim pela falta de importância e interesse que os alunos dão aos conhecimentos trabalhados em sala de aula. Hoje em dia vejo muito o “decorar para passar de ano”, o que é péssimo para matérias tão interdisciplinares como a Biologia que a todo momento resgata conhecimentos de outras áreas”.

Por fim, P5 considera que

“[...] dentre os principais desafios da docência é o reconhecimento social e o salário”

Segundo Alves (2009), os professores, na condição de assalariados, são submetidos a um processo de desvalorização profissional, à medida que a profissão vem sendo desvalorizada pelos baixos salários e pela perda de prestígio e status.

Nas palavras de Amaral e Brittes (2012):

A sensação parece ser de perda. Perda material, pois seu salário está cada vez mais defasado; perda de status, ao verificar não serem mais reconhecidos por seu fazer; perda de suas condições de trabalho, ao repetirem-se diariamente, esquecendo-se e omitindo-se em seus conhecimentos profissionais. A compensação parece advir de certa identidade com seu trabalho, uma mescla entre ser professor e estar professor.

Ora, é extremamente compreensível o relato desses professores, uma vez que a sobrecarga que é exigida deles não compensa seu salário, sendo necessário, muitas vezes, ter que trabalhar em mais de uma escola, chegando a até 16 horas trabalhadas por dia para poder sobreviver. É a triste realidade de muitos docentes e, dessa forma, se não houver a devida valorização do profissional docente, conferindo-lhe um salário digno, condições adequadas de seu trabalho e o resgate de seu prestígio social é pouco provável que a docência mude, tal qual almejamos.

Nos nossos dados, também identificamos aspectos da realidade e da organização escolar que os professores entendem que influenciam diretamente no trabalho docente.

P1 acredita que:

“A influência é total. Sempre trabalhei pelos alunos e já recebi muito balde de água gelada da organização escolar. Se o professor não tiver muito amor e dedicação ele passa a vegetar na escola.”

P4 entende que a realidade social do aluno e a escola devem andar de mãos dadas, uma vez que, é necessário

“Garantir que o número de alunos em situação de vulnerabilidade social (em situações de pobreza, trabalho infantil, transtornos por falta de acompanhamento psicológico e afins) se reduza nos próximos anos (através de programas sociais e políticas de combate a pobreza), uma vez que o processo de ensino-aprendizagem é uma via de mão dupla: não adianta o professor chegar na sala de aula com as melhores práticas pedagógicas, com a melhor didática, mas o aluno estar passando por uma situação familiar que não lhe permita se concentrar e se dedicar aos estudos).”

Conseguimos identificar ainda, a partir dos dados, medidas que eles compreendem que seriam possibilidades de enfrentamento dessa realidade. Destacamos que, nesse ponto, percebemos uma variação muito grande entre os posicionamentos dos participantes da pesquisa, em que houve, inclusive, maior debate entre a entrevistadora e o entrevistado.

Sobre possibilidades de enfrentamento desta realidade organizacional escolar, P3 diz que seriam necessários

“Um bom planejamento escolar, um investimento maior na educação e oferecer um sistema de saúde de qualidade para os docentes.”

Para P5 é essencial o

“Acompanhamento psicológico tanto para alunos quanto para professores e aulas transdisciplinares que permitam a imersão de discussões relevantes dentro da realidade social dos estudantes, afinal de contas a escola é um espaço de debate, o que potencializa o desenvolvimento do pensamento crítico.”

P1 afirma que é necessário

“Reformas estruturais e mudanças dos estereótipos que a sociedade impõe a educação do país.”

De fato, a falta de um sistema de educação que mudaria a visão que temos da educação em nosso país é uma questão que vem do final do século XIX. Segundo Saviani (2011) a despreocupação da implementação de um Sistema Nacional de Ensino, gerou um déficit histórico imenso e secular, que o Brasil ainda é um dos países com maiores índices de analfabetismo do mundo e isso seria resolvido se houvesse tal implantação, visando à universalização da escola básica. Ainda que hoje não temos um sistema nacional de ensino, carregamos desse déficit, o que ocasiona no que vemos hoje. Precisamos de um Estado, ou seja, de uma sociedade que nos ajude a lidar com tal realidade, nos dando apoio e não jogando a responsabilidade de uma educação eficiente toda sobre nós.

Por fim, P2 diz que é necessário uma

“Direção escolar melhor selecionada. Um curso obrigatório, avaliações periódicas e acompanhamento rigoroso da Secretaria de Educação.”

Diante de tal resposta podemos questionar: será que os docentes já não são ultra controlados pela secretaria e a superintendência? Sendo que, frequentemente, tem que responder a exigências que vão além de sua formação, tendo que trabalhar em casa, finais de semana, em momentos de lazer. Como afirma Imbernón (2011), o professor não dispõe de tempo para estudar, a maioria dos municípios e estados não cumprem o tempo mínimo que deveria ser destinado ao planejamento e à formação profissional, a saber 33% da carga horária, e os salários são outro fator de insatisfação entre os docentes. Então esses cursos obrigatórios e o acompanhamento da secretaria da educação não seria mais uma sobrecarga para os professores?

Nesta categoria, observamos que a responsabilidade que o professor tem diante a sociedade é gigantesca e excessiva, mas que, como não são devidamente reconhecidos, acabam precisando de ter mais de um emprego e, geralmente, não contam com o apoio do Estado.

Perspectivas do trabalho docente

Nesta categoria, incorporamos os dados a respeito sobre o que os professores participantes da pesquisa compreendem e quais suas perspectivas quanto a profissão docente no Brasil. As respostas dos entrevistados nos evidenciam muito sobre o contexto educacional brasileiro contemporâneo, que precisa ser mais enfrentado e superado.

P1 afirmou que

“Nem gosto de pensar. Quem não está nessa profissão por amor mesmo deveria sair o mais rápido possível, porque esperar reconhecimento do governo para fazer um bom trabalho é cavar a própria sepultura.”

Como podemos notar, esse professor tem o desejo de ser reconhecido e valorizado social e economicamente, mas só vê saída em realizar esse trabalho se for por através do amor, o que acaba caindo num ciclo vicioso, em que, se pensarmos somente nisso, a educação nunca terá seu verdadeiro valor, já que, para muitos não é necessário ser remunerado por uma coisa que se faz somente por amor.

É como Saviani (2011) explica, que o problema se apresenta aí como um grau que inviabiliza o avanço no campo da educação. Parece que cada governo, cada ministro ou até mesmo cada secretário da educação quer imprimir sua própria marca, deixando de lado os programas implementados nas gestões anteriores. Com esse grau de descontinuidade, não há como fazer frente às questões especificamente educacionais, uma vez que, é um tipo de atividade que requer continuidade. Logo, as políticas educacionais precisam levar em conta essas peculiaridades e formular metas não apenas a curto, mas a médio e longo prazo. De fato, se dependermos de governantes que são eleitos e não governam para a maioria da população, e sim apenas para um grupo social, a educação nunca será reconhecida e respeitada

como profissão. Por isso, precisamos de políticas públicas, políticas de Estado, que valorizem a educação e criem um Sistema Nacional de Educação, para além de qualquer governo, que mesmo mudado, a política de Estado se mantem.

Já P2 acredita que

"[...] enquanto não tivermos um programa nacional que garanta assistencialismo aos estudantes em situação de vulnerabilidade, acredito que a situação tende a ficar na mesma ou sofrer melhoras bem brandas."

Na concepção de P5:

"Acredito que é a profissão mais desvalorizada do país. Uma vez que nosso próprio presidente vê os docentes como ameaça. Acredito que será difícil ter uma perspectiva ideal sobre a docência (valorização e salários justos) em um futuro próximo."

Diretamente, pudemos identificar também nos dados coletados, as considerações sobre a relação entre trabalho docente, a realidade escolar e a saúde do professor. Apesar das respostas anteriores, foi possível notar o compromisso e a paixão pela profissão e aquele fio de esperança de dias melhores.

20

Na concepção de P1

"A realidade pode ser assustadora e está muito longe de ser o ideal. Mas, não largaria a docência por nada na vida e nem de lutar por uma educação mais justa. Conheço muitos professores que após anos na profissão não sentem mais o prazer de ser docente, acho triste e tenho medo de sentir o mesmo daqui uns anos."

P2 disse que

"Em qualquer profissão as condições de trabalho influenciam na saúde da pessoa. Você precisar ter um foco e não se amedrontar com incompetências na administração, é preciso enfrentar. Que cala pede para apanhar."

Para P4:

"O trabalho docente ainda tem muitas reformas para serem feitas, mas sobretudo a mudança precisa vir também da visão que a sociedade tem sobre a educação, pois nossa realidade se apresenta não muito saudável, e por a situação não ser saudável os impactos na saúde dos professores tem sido muito ruins"

Segundo Ferreira (2018), muitos professores sofrem de uma síndrome que está profundamente articulada às condições de trabalho, principalmente

na atual situação do país. Ela é chamada de Síndrome de Burnout e é reconhecida pela OMS e pelas leis brasileiras como Doença Ocupacional, por esse motivo admite-se o afastamento para seu tratamento. Em docentes, a síndrome se evidencia através da exaustão dos recursos emocionais próprios, em que são comuns certas atitudes negativas, como o distanciamento para com os alunos, a desvalorização de seu papel profissional e a perda de sentido com relação ao trabalho, de forma que as coisas que antes eram importantes, deixam de ser.

É bem comum encontrarmos casos como esses nas escolas, os professores participantes da pesquisa estão esgotados e muitos tiveram que sair de licença médica para se tratar. É lamentável considerar que tantos profissionais passam por isso diariamente, todos perdem com isso, a escola, os alunos, os próprios professores.

Diante de tantos relatos, entendemos que a profissão docente, bem como, a saúde dos profissionais são assuntos extremamente importantes a serem discutidos e tratados com responsabilidade e seriedade enquanto questão de saúde pública, para que o ambiente de trabalho seja melhor para todos.

Por fim, nesta última categoria, analisamos que, pelos professores participantes da investigação, poucas são as perspectivas para a melhora da profissão docente: os professores estão esgotados, cansados de “dar murro em ponta de faca”, e não tem um olhar favorável para a educação. No entanto, mesmo assim, poucos ainda acreditam que é possível melhorar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos compreender que as pesquisas relacionadas ao trabalho docente vêm se consolidando de maneira cada vez mais intensa. A presente pesquisa buscou considerar as adversidades que a educação pública enfrentou, desde os primórdios até os dias atuais apresentando, de forma sucinta, seu histórico e o processo de proletarização e desvalorização da docência, apontando que essa profissão não é escolhida somente por amor, nem tão pouco por vocação e muito menos é um “bico” até encontrar algo

que julga-se ser melhor, mas se configura enquanto uma profissão que deve ser respeitada e valorizada.

Com isso, considerando que o objetivo do trabalho foi compreender a concepção do trabalho docente pelos professores de Ciências e Biologia de uma cidade do Sul de Minas Gerais, considerando seus desafios e possibilidades, levamos em conta investigar a concepção dos professores acerca da profissão docente, das suas condições de trabalho, e como eles lidam com a realidade da profissão da docente no ensino público.

Os dados foram categorizados em três categorias: “A concepção da profissão docente”; “Os desafios do trabalho docente”; e “Perspectivas do trabalho docente”. Quanto a concepção docente, podemos perceber que, dentre os cinco entrevistados, todos tem opiniões bastante parecidas quando questionados sobre como eles caracterizam a profissão docente, salientando que esta é uma profissão que para além de ensinar, é de suma importância para a formação de uma sociedade democrática, porém, infelizmente, não tem o devido reconhecimento. Mas, quando questionados quais as relações que eles estabelecem entre as condições de trabalho e a saúde do professor, três entrevistados nos mostram que há interferência, visto que, os salários são injustos, já que, precisam, muitas vezes, trabalhar em mais de uma escola para conseguir um salário razoável para viver. Além disso, também a desvalorização social afeta em muito a classe trabalhadora e a má administração governamental que não se preocupa com as necessidades básicas dos trabalhadores docentes. Quanto aos desafios do trabalho docente, em acordo com a literatura, os professores participantes da pesquisa compreenderam que são muitos os desafios, apresentando novamente que o reconhecimento social e o salário são os principais desafios, bem como a falta de interesse dos alunos e dos pais com a educação e a própria gestão de ensino que não tem seu devido reconhecimento. Em relação às perspectivas do trabalho docente, tinha, enquanto pesquisadora, a expectativa de que, mesmo com condições ruins, os professores participantes da pesquisa vislumbrariam que as condições poderiam melhorar, contudo nos deparamos com professores extremamente sem

perspectivas para melhorias, o que vai ao encontro da pesquisa de Silva, Campos e Coelho (2019), que investigaram as significações de professores de Ciências sobre a realidade de proletarização com professores do estado de São Paulo e nos mostra que a desmotivação educacional está num âmbito nacional e não somente localmente, onde podemos enxergar. Mas também, é importante destacar que apesar de toda a desmotivação, alguns docentes ainda apresentam um fio de esperança na educação, e buscam por reformas estruturais que garantam o real enaltecimento da profissão. Assim, foi possível analisar os dados, conseguindo compreender a realidade desses professores e o que eles esperam para o futuro da docência.

A partir de nossos dados, é possível considerar que mesmo os professores mais comprometidos com a educação estão desmotivados. A partir disso, temos duas vias conclusivas. Na primeira, podemos considerar que os docentes estão apenas seguindo o que é estipulado sem, muitas vezes, problematizar ou tecer críticas sobre, acreditando que a educação pública já está fadada ao fracasso, ou seja, que já desistiram de lutar por melhores condições. A outra é que mesmo os professores mais comprometidos estão desmotivados e desencorajados, inclusive para uma perspectiva coletiva de reivindicação de direitos e também de evitar a perda dos direitos conquistados. Assim, nossa hipótese, enquanto ponto de partida para esta investigação, demonstra que é imprescindível que a profissão docente seja valorizada e reconhecida, como discutimos nessa pesquisa.

Assim, compreendemos que, este estudo, para além da contribuição acerca do trabalho docente dos professores de Ciências e Biologia, também me apoiará enquanto professora, contribuindo para que eu esteja mais preparada para encarar a realidade concreta de ser uma professora, considerando não somente os desafios enfrentados, que não são poucos, mas também as possibilidades para conseguir transformar a vida de tantos cidadãos a partir das escolhas feitas por mim, sempre buscando minha autonomia em sala de aula, bem como a importância do trabalho docente enquanto categoria trabalhadora e sua coletividade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. E. S. Trabalho docente e proletarização. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.36, p. 25-37, dez. 2009.
- BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Considerações sobre a síndrome de Burnout e seu impacto no ensino. **Boletim Psicologia**, São Paulo, v. 62, n. 137, p. 155-168, dez. 2012.
- AMARAL, L. R.; BRITTES, C. L. C. Professores pertencentes à "classe-que-vive-do-trabalho": uma discussão sobre a proletarização do trabalho docente. **SINAIS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Vitória, v. 1, n. 11, p. 1-13, jun. 2012.
- CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002.
- FERREIRA, T. A. L. **A Síndrome de Burnout entre professores em ajustamento funcional na Escola Pública Curvelo/Minas Gerais**. Dissertação acadêmica de Maestría en Ciencias de la Educación. Universidad Autónoma de Asunción, ParaguayAsunción, 2018, 104 p.
- GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2011.
- LABAREE, D. F. Poder, conocimiento y racionalización de la enseñanza: genealogia del movimiento por la profesionalidad docente. In: PEREZ, A; BARQUIN. J. (Orgs) **Desarrollo profesional del docente: política, investigación y práctica**. Madrid: Akal, 1999.
- LAMOSA, R. As frentes de ação da classe dominante na educação: entre o todos pela educação e a ideologia escola sem partido. In: LAMOSA, R. (org). **Classe dominante e educação em tempos de pandemia: uma tragédia anunciada**. Editora Terra sem Amos: Parnaíba, 2020. p. 11-22.
- MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. IN: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social, Teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9-29.
- NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. Lisboa: Porto Editora, 1995. p.13-34.
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p. 13-33.



OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, set./dez. 2004.

RODRIGUES, M. L. **Sociologia das profissões**. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2002.

SÁ, T. T.; NETO, F. R. A. A docência no Brasil: História, obstáculos e perspectivas de formação e profissionalização no século XXI. **Revista Tropos**, v. 5, n. 1, p. 1-14, jul. 2016.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 11.ed. rev., 2011.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Em aberto**, Brasília, v. 3, n. 22, p. 1-6, jul./ago. 1984.

SILVA, M. M.; CAMPOS, L. M. L.; COELHO, L. J. Ciências sobre a realidade de proletarização. **Crítica Educativa**, v. 5, n. 1, p. 277-292, jan./jun. 2019.

SOUZA, P. R.; FERREIRA, M. M. D. M.; BARROS, M. S. F. História da criação da escola pública como instrumento da formação da educação burguesa. In: Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), 9., 2009, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2004.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia de Pesquisa Científica**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2007.

VENCO, S. Há um processo de quase-uberização dos docentes. **Revista Contrapoder**, jul. 2020. Disponível em: <https://contrapoder.net/entrevista/ha-um-processo-de-quasiuberizacao-dos-docentes-afirma-selmavenco/?fbclid=IwAR3x59SfymoIX9jqM6J8kF0JORPlad9bqNdaYFkJiQfwFQN7Qx6IBD1A43s>. Acesso em: 08 out. 2020.

Recebido em: 21 de outubro de 2022.
Aprovado em: 28 de dezembro de 2022.
Publicado em: 23 de março de 2023.

